

Projeto de Doutorado

Orientanda: Natasha Ribeiro de Oliveira

Orientadora: Luciane de Paula

ARTE, MÍDIA E POLÍTICA: uma análise bakhtiniana de “bolsominions” e “petralhas”

RESUMO: A pesquisa tem como objetivo analisar, calcada na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, os signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, utilizados em páginas da rede social Facebook, em contexto político. O uso desses termos nos revela não só a voz social do grupo que os utiliza, mas também os outros sentidos que surgem a partir dele, com a apropriação e o esvaziamento do sentido original, como observado na ressignificação viva feita dos termos. Por isso, a análise proposta é uma forma de compreender o movimento de linguagem acerca de um embate de vozes: de um lado, sujeitos que criticam os “bolsominions” e suas atitudes, de outro, os que se afirmam como “bolsominions”, com os “petralhas”, ocorre o mesmo: há os que criticam e os que se afirmam como tal. Entender o *corpus* em sua relação com a arte e com a vida é uma forma de se pensar a ética e estética bakhtiniana, ao conceber, por meio de um movimento retrospectivo de cotejo, os termos “bolsominions” e “petralhas” a partir dos enunciados artísticos com os quais eles mantêm relação, no caso a franquia de filmes *Meu Malvado Favorito* (2010, 2013, 2015 e 2017), com os sujeitos minions, e a história em quadrinhos *O país dos Metralhas* (2013), com os sujeitos irmãos Metralha. Ao observarmos as construções feitas desses sujeitos, artisticamente, como reflexo e refração de sujeitos da vida, compreendemos como as esferas da arte, da mídia e da política se relacionam entre si e, assim, possibilitam a criação e difusão de termos como o caso de nosso *corpus*, atuantes como signos ideológicos nas interações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; Diálogo; Signo ideológico.

Introdução e Justificativa

Estar conectado à internet e às mídias digitais, hoje, é uma forma de estar conectado com o mundo – e as valorações que nele circulam. Os sujeitos em rede se colocam em um contexto específico de interação e constroem visões acerca do mundo que os cerca, resultado de uma forma de ressignificação acerca de determinados conteúdos consumidos. O enunciado, para Bakhtin (2011), é a “[...] *real unidade* da comunicação discursiva” (p. 274 – grifos do autor), resultado de uma interação social, seja de uma situação imediata ou de um contexto mais amplo, de modo que toda e qualquer compreensão desse enunciado é ativamente responsiva

pelos sujeitos do discurso. Com as mídias digitais, o mesmo ocorre – só que em outra configuração do existir: o virtual¹.

Ao pensarmos nas interações mediadas pelo virtual, chegamos ao *corpus*² de nosso estudo – os signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas” utilizados em publicações de Facebook em contexto político brasileiro (historicamente) como forma de designação de grupos de eleitorados políticos (mas não somente). A saber, as páginas utilizadas são: “Bolsominions”, “Bolsominions Arrependidos”, “Todo Dia Tem um Bolsominion Passando Vergonha”, “Meu Bolsominion Secreto”, “Bolsominions Sinceros”, “Somos Bolsominion”, “Bolsominions” e “Bolsominions Patriotas”, para o termo “bolsominions”, e “Os Caça-Petralhas”, “Fora PeTralhas”, “Petralhas Corruptos”, “Fora Petralhas”, “Petralha Zuero”, “PETralhas”, “Sou petralha desde que a Luciana Genro não foi pro segundo turno” e “Petralha Bolado”. Nosso objetivo, portanto, se volta para a análise desses signos ideológicos, que são termos utilizados em redes sociais, para compreender a sua constituição como reflexo e refração de momentos históricos vividos no Brasil, em especial, ao que tange à política. Para Volóchinov (2017 [1929], p. 93 – grifos do autor),

o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação própria.*

Dessa forma, pensamos serem os signos ideológicos uma forma de compreensão do modo como os sujeitos se relacionam com o mundo, especialmente na virtualidade, sendo o nosso interesse também compreender as formas de se colocar enquanto sujeito (responsivo e responsável (Bakhtin, 2010)) nesse ambiente. Os “bolsominions” surgem como um reflexo e refração das eleições presidenciais de 2018 de Jair Bolsonaro, com a formação do signo feita por meio do prefixo “bolso-”, de Bolsonaro, e o sufixo “-minions”, tal qual as personagens dos filmes da franquia *Meu Malvado Favorito* (2010, 2013, 2015 e 2017), sendo o termo criado e utilizado, portanto, como uma forma de crítica opositiva às ideias do então candidato à presidência. Por sua vez, o termo “petralhas” surge, nas redes sociais, como um reflexo e

¹ Lévy (2000 [1997]) faz um discussão sobre o “virtual” não ser o oposto de “real”, mas sim uma dimensão possível da realidade, por isso nos atentamos para essa questão ao defendermos a análise das interações que ocorrem nas mídias digitais, por meio dos sujeitos em rede.

² No tópico “Metodologia” falaremos, de maneira mais detalhada, sobre os critérios que nos levaram às páginas e às publicações que constituem o nosso *corpus*. De antemão, foram utilizados os critérios temático, quantitativo e temporal para delimitação tanto das páginas quanto das publicações acerca de “bolsominions” e “petralhas” a serem analisadas.

refração das movimentações políticas do Partido dos Trabalhadores (doravante, PT), criado³ e utilizado para criticar, de maneira oposta, esse grupo. A referência feita é aos irmãos Metralha, presentes no universo ficcional da Disney (desde 1951 até os dias atuais), com a troca da letra “m” pela letra “p”, para designar não mais as personagens, mas o partido, principalmente no contexto do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, em 2016.

Ambos os termos, portanto, atuam como signos ideológicos e se referem à situações históricas da política brasileira, de forma que compreendê-los é uma forma de entender as ideias que circulavam entre os sujeitos que o utilizavam. Assim, uma análise que verse sobre as esferas da arte, da mídia e da política é necessária para a compreensão das valorações presentes nos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, uma vez que “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 289), logo mantém relação com outros enunciados, sejam eles de uma ou outra esfera. A relação entre arte, mídia e política feita, sobretudo, pelo enunciado estético nos permite, por meio de um movimento retrospectivo de cotejo, recuperar as ideias presentes nesses enunciados, como estão presentes na franquia de filmes *Meu Malvado Favorito* (2010, 2013, 2015 e 2017) e no gibi *O país dos Metralhas* (2013), de forma a compreender a constituição de sujeitos servis, como os minions e os irmãos Metralha, e as motivações intrínsecas a cada um desses grupos de sujeitos. Em ambos os casos, minions e Metralhas, a crítica é feita aos sujeitos dos enunciados estéticos que são atrapalhados e boçais, agem em bandos e massivamente.

No caso dos minions, temos o signo ideológico “bolsominions”, depreendido pela figura política, em específico, do atual presidente Jair Bolsonaro – assim, os bolsominions carregam as valorações, principalmente, do conservadorismo, da família, da religião e da pátria, por meio da alienação. Com os irmãos Metralha, por sua vez, temos o signo ideológico “petralhas”, depreendido pela figura política do PT, não mais de uma figura política em específico, de modo que os petralhas carregam, portanto, as valorações da corrupção e do roubo. Essas valorações funcionam, portanto, como um ponto de contato com as animações e a política brasileira se olharmos historicamente para o que é consumido e para o que surge a partir desse consumo.

³ A atribuição da criação do termo é dada à Reinaldo Azevedo, colunista da Veja. Em sua coluna, ele afirma ter criado o termo em 2001 para designar as práticas de petistas em Santo André, como é possível observar em uma de suas colunas virtuais: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/15-anos-depois-de-criada-a-palavra-os-petralhas-estao-no-olho-da-rua/>>. Acesso em: 09/09/2019. Embora a criação tenha sido feita a anos atrás por um sujeito que se põe como autor-criador, buscamos analisar o uso desse termo no contexto do Facebook, em publicações, não como o autor-criador o concebeu.

Essa prática de identificação de grupos a partir de termos que atuam como signos ideológicos não é atual tampouco inovadora. Temos os termos “coxinha”⁴ e “mortadela”⁵, por exemplo, que designam o que hoje é entendido como os “bolsominions” e os “petralhas”, respectivamente. Embora “bolsominions” e “petralhas” não sejam os primeiros termos a atuarem como signos ideológicos, eles são uma das formas recorrentes de estratégia política brasileira, em que a mescla de esferas gera um termo depreciativo. Essa relação entre diferentes esferas é o que nos interessa, uma vez que a relação entre arte, mídia e política nos permite observar formas com as quais os sujeitos se expressam atualmente, não em qualquer lugar, mas em rede (virtualmente), não sobre qualquer assunto, mas sobre a política do país e não de qualquer forma, mas a partir do consumo de enunciados estéticos, que acreditamos ser a semiose da vida, a partir do Círculo de Bakhtin.

Compreender a cultura por meio dos signos ideológicos que, de acordo com cada momento histórico, significam de outra maneira e ganham outros sentidos, nessa relação de diferentes esferas é o nosso objetivo, a partir de uma movimentação virtual por meio de publicações em páginas de Facebook, o nosso *corpus*. Nas redes sociais, os sujeitos que utilizam esses termos enquanto signos ideológicos se colocam como autores ao criarem e assinarem páginas, produzirem publicações para alimentá-las, além de compartilharem e comentarem enquanto sujeitos responsáveis e responsáveis por seus atos. Desse modo, buscamos observar como dois grupos sociais distintos, isto é, submetidos a diferentes valorações, compõem e são compostos pelos signos que os rodeiam, mediante a linguagem, de modo que se expressam a partir deles acerca da situação política do país.

Pensando na linguagem como organismo vivo, isto é, que não se cristaliza tampouco se torna alheia ao social, podemos observar como os “bolsominions” e “petralhas” são signos ideológicos que se referem, de maneira específica, a conteúdos provenientes de diferentes esferas, em diálogo. Miotello (2005) aponta: “Vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios” (p. 172). Nessa mesma linha de pensamento, Lévy diz:

⁴ O termo “coxinha”, inicialmente, era utilizado, pejorativamente, para se referir aos policiais militares (na cidade de São Paulo, eles consumiam o salgado em lanchonetes). Com o tempo, passou a ser utilizado também para sujeitos com valorações de direita, práticas e ideias conservadoras.

⁵ O termo “mortadela” era utilizado, inicialmente, pejorativamente, para se referir aos sujeitos que participavam de comícios e protestos, uma vez que serviam pão com mortadela para os presentes. Com o tempo, passou a ser utilizado também para sujeitos simpatizantes com as valorações da esquerda ou do PT.

Sem fechamento dinâmico ou estrutural, a Web também não está congelada no tempo. Ela incha, se move e se transforma permanentemente. A World Wide Web é um fluxo. Suas inúmeras fontes, suas turbulências, sua irresistível ascensão oferecem uma surpreendente imagem da inundação de informação contemporânea. Cada reserva de memória, cada grupo, cada indivíduo, cada objeto pode tornar-se emissor e contribuir para a enchente (2000 [1997], p. 160-1 – grifos do autor).

O que entendemos, a partir de Miotello (2005) e Lévy (2000), no caso de “bolsominions” e “petralhas” é que os termos se atualizam, se renovam e se modificam a depender de quem os utiliza. Inicialmente, os termos possuíam caráter depreciativo, como forma de crítica satírica ao grupo de oposição, de modo que os bolsominions eram sujeitos criticados pelo grupo oposto, bem como os petralhas eram criticados por quem se opunha às ideias defendidas por eles. Contudo, pensando no signo ideológico e nas vozes que coexistem em um mesmo momento da história, não há nada fixo, e o que antes era crítica, passou a ser valorado positivamente por aqueles que antes eram criticados e passaram a ser, então, termos de identificação própria, com o sentido original ressignificado. A internet (as mídias digitais, as redes sociais) atuam, nesse caso, como um impulsionador desse movimento, pois a sua dinâmica e a sua fluidez possibilitam a criação e a difusão de informações e conteúdos acerca de “bolsominions” e “petralhas”, por exemplo – e por isso olhamos essas questões no Facebook e não em outro meio de informação, dada a sua configuração.

A linguagem nos permite construir visões sobre o mundo que nos rodeia, em que os enunciados são concretudes situacionais, histórica e socialmente, de um uso específico da linguagem. É a partir dessa concepção que pensamos ser a linguagem, enquanto criadora da arte⁶, o local em que podemos nos deter para observar as questões tangentes à vida. Falar em arte é falar em enunciado estético, que reflete e refrata a vida à sua maneira, por meio da linguagem. O que assistimos em filmes e seriados, lemos em livros, escutamos em canções são, cada qual com seu acabamento próprio, a semiose da vida. Por isso, uma forma de compreender a vida e as relações humanas é por meio da arte, que nos revela discursos que representam visões de mundo, bem como nos possibilita vislumbrar as ressignificações sociais que são criadas por meio dela, como o caso proposto nesse projeto de pesquisa.

Entender a constituição dos sujeitos nos enunciados estéticos, em um movimento retrospectivo de cotejo, é uma forma de compreender a constituição dos signos “bolsominions” e “petralhas”. Os minions provêm de filmes presentes na franquia *Meu Malvado Favorito*

⁶ Entendemos a arte como enunciado estético, não fazendo distinção entre o que é canônico ou massivo, por exemplo. A arte se refere, de maneira específica, ao acabamento estético e à forma e uso específico da linguagem (verbal, vocal ou visualmente falando). Segundo Faraco (2011, p. 21), Bakhtin “[...] torna o social, o histórico, o cultural elementos imanentes do objeto estético”, sendo desse ponto de vista que nos debruçamos e entendemos a arte, logo, o objeto estético.

(2010, 2013, 2015 e 2017), e conhecemos Gru, um vilão em ascensão, que precisa da ajuda dos minions para se manter no topo da sociedade, uma vez que, sem eles, Gru não possui a mão de obra massiva (já que os minions são muitos) capaz de transformá-lo no líder que ele quer ser. Os minions são alienados, não questionam as ordens e seguem fielmente os pedidos de Gru, embora, muitas das vezes, eles se sacrifiquem e recebam quase nada dos créditos, remuneração e/ou agradecimentos pelos seus serviços prestados. Os irmãos Metralha, por sua vez, provêm de enunciados presentes no universo de histórias em quadrinhos da Disney, de modo que selecionamos o gibi *O país dos Metralhas* (2013) como uma das formas possíveis de observar a construção desse universo ficcional, em que o tio Patinhas constantemente é atacado pelos irmãos Metralha que tentam, a todo custo, roubar a sua fortuna a pedido de outros vilões, como o Pão Duro Mac Mônei e a Maga Patalójika, sendo estabelecida uma relação de vilania, na qual os irmãos Metralha são bandidos e capangas desses vilões, ou seja, agem de acordo com as ordens recebidas. Embora sejam atrapalhados (como os minions), os irmãos Metralha são sagazes, espertos e trapaceiam constantemente para conseguirem atingir o seu objetivo: roubar a fortuna do tio Patinhas.

Interessa-nos olhar, nos enunciados acima citados, a construção desses sujeitos (minions e irmãos Metralha), pois são eles que surgem como reflexos e refrações sociais de perfis de eleitorados políticos e, de maneira ressignificada, passam a integrar outras esferas. Nesse sentido, essa relação de esferas (arte, mídia e política) nos interessa, pois vista a partir de uma relação espaço-temporal, possibilitou o surgimento de um tipo específico de enunciado, que manifesta posicionamentos valorativos dos sujeitos ao que tange à situação política vivenciada, em diferentes mídias, tendo a arte um papel de semiose da vida. Essa relação não faz com que uma esfera se sobressaia à outra, mas se misture e se constitua de maneira mútua na mesma proporção em que constitui outras esferas, porque o movimento é dialógico, tal qual ocorre na vida. Grillo (2006) diz que são as esferas que dão conta da realidade plural da atividade humana, sendo a linguagem o terreno comum sobre a qual todas as esferas se assentam, responsável pela identidade e especificidade de cada uma – por isso nos interessa observar esse movimento de linguagem que se constitui como estratégia política, sendo os “bolsominions” e “petralhas” uma expressão desse momento histórico.

Uma vez que vamos pensar em questões relacionadas às histórias de quadrinhos, ao cinema e aos enunciados artísticos, em geral, pretendemos desenvolver, com vistas a uma fundamentação teórica e contextual de nosso tema, uma pesquisa *in loco* nos Estados Unidos, com o Professor Peter Hitchcock, na Baruch College, na CUNY – City University of New York, prevista para ocorrer entre 2021 e 2022. Desse modo, pelo local em que a pesquisa *in loco*

pretende ser realizada, poderemos estudar, de maneira mais aprofundada, questões relacionadas aos enunciados artísticos que fazem parte desse projeto de pesquisa, como a franquia *Meu Malvado Favorito* e a história em quadrinhos *Os Irmãos Metralhas*, ao pensarmos na Universal Pictures e na Disney como grandes produtoras desses e outros enunciados artísticos, localizadas nos Estados Unidos.

Com esse projeto de pesquisa, nos propomos a analisar a linguagem verbivocovisual⁷, tanto em dimensão como em materialização, por acreditarmos ser o local privilegiado para observar o sujeito, o tempo e o espaço enquanto construtores de sentidos no mundo. A ressignificação de enunciados estéticos em meios digitais é uma prática cada vez mais comum com a chamada cultura da convergência (JENKINS, 2009), em que os sujeitos são ativos no ciberespaço (LÉVY, 2000 [1997]), um local virtual que possibilita novas formas de interação e conhecimento, com a circulação mais fluida e dinâmica. O ciberespaço possibilitou uma relação mediada por computador (celular, notebook ou tablet) entre sujeitos que estão orientados para a realidade de uma forma diferente, seguindo três princípios fundamentais: o da interconexão, o da criação de comunidades virtuais e o da inteligência coletiva.

Nos estudos de Lévy e Jenkins, encontramos subsídios para dar conta, a partir da perspectiva bakhtiniana, sobre esse novo momento advindo dos novos modos de interação virtual. No lugar da centralização, temos um local fluido e propício às diferentes trocas e (re)significações, se pensamos em páginas de Facebook, com as funções de publicar, comentar, curtir e compartilhar, em que cada uma delas exige um posicionamento responsivo e responsável do sujeito que está atrás dessas telas e torna-se um sujeito-autor ativo. Podemos pensar, assim, que “bolsominions” e “petralhas” são, além de expressões políticas carregadas de valorações, formas de comunicação e identificação entre grupos que revelam vozes sociais diferentes e ocupam, de alguma forma, o mesmo espaço midiático-político motivados pelo artístico (sem que, necessariamente, os sujeitos que utilizam esses termos reflitam sobre esses processos que se desenrolam pelas diferentes esferas, mas que existem, não de maneira separada – sendo de nosso interesse analisá-los).

⁷ A verbivocovisualidade (PAULA, 2018) diz respeito ao trabalho, de forma integrada, das dimensões sonora, visual e o(s) sentido(s) da(s) palavra(s), pensado como dimensões de linguagem. O enunciado, dentro de um gênero discursivo, pode ou não materializar essas dimensões, contudo, a defesa é de que elas existem, mesmo como potencialidade, dentro do enunciado. Um enunciado é considerado, portanto, em sua potencialidade valorativa e requer a contemplação da linguagem ao que tange aos tópicos e conteúdos frasais (verbal), ritmo e entoação próprios da língua, trilha sonora (vocal/sonoro) e movimentos de câmera, figurino, coloração das cenas (visual), se pensamos em um filme ou um episódio de série, por exemplo, que materializam essas dimensões. De igual forma, um romance também é verbivocovisual, mesmo que traga, explicitamente, só a materialidade verbal materializada, contudo, o som e o visual existem no romance, em potencialidade.

Os conteúdos presentes nos enunciados estéticos, seja em *Meu Malvado Favorito* ou em *O país dos Metralhas*, aparecem materializados em outros enunciados, como as publicações de Facebook, aproveitando-se do enunciado de origem ao que tange às suas dimensões de linguagem para, com isso, construir novas significações. O enunciado está ligado, intrinsecamente, ao seu tempo-espaço (cronotopo) de produção, de modo que as valorações que circulam no interior de um grupo social são as compreensões desse mesmo grupo às visões de mundo às quais estão submetidos. Tanto os signos ideológicos “bolsominions” quanto “petralhas” são oriundos de momentos políticos no Brasil e refletem a forma como esses sujeitos consomem produtos provenientes da indústria cultural massiva, como também assuntos relacionados ao país, sendo a política uma forma de expressão e compreensão do contemporâneo. Bakhtin (2014) diz que o sujeito se revela no cronotopo, e o processo de assimilação do tempo, do espaço e do indivíduo é complexa e intermitente. Dessa forma, pensamos ser o tempo-espaço (cronotopo) o responsável por revelar os enunciados sobre os quais uma sociedade fala a respeito.

Sem perdermos de vista a imbricação da arte e da vida, o enunciado estético é compreendido como a semiose da vida, interessando-nos, portanto, compreender os sujeitos em sua constituição de alteridade, materializados nesses enunciados para, então, ganharem significações novas na vida, por meio da linguagem, revelando as valorações pelas quais a sociedade compõe e é igualmente composta. Por ser histórico e situacional, o enunciado manifesta a presença da ideologia não só pela construção, como também pela sua circulação e recepção social, elementos igualmente previstos dentro do próprio enunciado. A estratégia política, feita via linguagem, é o que nos interessa observar como uma forma de ascensão e derrubada de governos no contexto político brasileiro, uma vez que o termos “bolsominions” e “petralhas” agem, nesse sentido, como reflexos e refrações de um pensamento político da época (a eleição de Bolsonaro, em 2018 e o *impeachment* da Dilma, em 2016).

Temos, portanto, como objetivo, observar a relação entre diferentes esferas que perpassam os termos políticos, tidos como signos ideológicos, “bolsominions” e “petralhas” como uma forma de compreender a sua produção, ressignificação e circulação social, ao mostrar o embate de vozes a partir dos desenhos que, também como signos ideológicos, são alterados na esfera política, como uma maneira de estudar a história do Brasil e compreender esse momento histórico de acordo com momentos anteriores e posteriores aos termos. Entender esse processo de linguagem é entender uma estratégia política que perpassa ambos os termos, cada qual reforçando as valorações à sua maneira, de modo que esse projeto de pesquisa justifica a sua relevância a partir disso e da sua contribuição com os estudos linguísticos no

âmbito da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, explorando as relações entre os enunciados e suas esferas, ao abordar as relações entre a vida e a arte e contribuir para uma caracterização do funcionamento discursivo das valorações sociais acerca de processos estratégicos e políticos por meio da linguagem.

A filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin fundamenta esse projeto de pesquisa, em que propomos a reflexão teórica por meio de conceitos como diálogo, enunciado, signo ideológico, reflexo e refração, forças centrípetas e centrífugas, esfera, pequeno e grande tempo, cultura, sujeito e voz social, por meio dos termos “bolsominions” e “petralhas”, signos ideológicos, por acreditarmos que eles são, na história da política brasileira atual, concepções de sujeitos que revelam vozes sociais acerca de grupos e, por isso, ganham outros sentidos pela relação entre as esferas – por isso, a escolha de enunciados estéticos midiáticos e massivos, como os filmes e o gibi, para a compreensão da arte como semiose da vida. A escolha da fundamentação teórica, se justifica por estudar o sujeito, o tempo e o espaço, sem perder de vista a relação entre cultura, história e sociedade e a arte como reflexo e refração da vida.

O projeto de pesquisa, com a sua base bakhtiniana, prima pela relação da linguagem ao sujeito, tempo e espaço, revelador de enunciados que são, ao mesmo tempo, únicos e irrepetíveis e elo na comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011). Por exemplo, podemos pensar nos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas” que, como enunciados únicos, refletem e refratam valores que lhe são próprios, mas sem se esquecerem da ligação com enunciados anteriores (os filmes e o gibi, as situações políticas, movimentos sociais, outros termos anteriormente utilizados para também designar esses grupos, dentre outras possibilidades), que são possíveis de serem recuperados por um movimento retrospectivo, ligando o *corpus* ao que surge antes dele e também prospectivo, memória de futuro, ao que virá (e vem) a partir dele.

A linguagem, materializada em enunciados, é resultado das interações entre grupos sociais diferentes e em embate, ideológicos pois provenientes da vida. Faraco (2009, p. 24) aponta para a relação do enunciado com a sua situação concreta de produção, bem como seu significado e a atitude avaliativa do sujeito que o produz pois, a depender do grupo social em que ele está inserido, uma ou outra valoração surgirá, uma vez que as condições de produção e circulação dependem, de maneira direta, de questões políticas, econômicas e culturais, por isso nos interessa a relação entre diferentes esferas, tanto pela investigação dos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, em relação com a arte, quanto pela construção e relação política feita por meio dela, em uma sociedade específica – a brasileira. Isso se deve pois cada um dos contextos, tanto de produção quanto de circulação, são diferentes para cada uma das esferas em

que nos debruçamos, sendo a relação arte, mídia e política uma situação de produção enunciativa específica.

Ao falarmos do signo como ideológico, reflexo e refração da realidade à sua maneira, a relação é feita tendo em vista os sujeitos (enquanto produtores de enunciados), pois sua formação, ideológica, é sempre social e não apartada de algo maior que o compreende. Volóchinov (2017 [1929]) diz: “[...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos”, de forma que a compreensão é única e ininterrupta. Assim, segundo o autor, “essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-a, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais” (grifos do autor). Reforçamos o caráter de interação presente no signo: “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto, apenas no processo de interação social” (p. 95). Isso porque os sujeitos, enquanto responsivos e responsáveis, se posicionam e assumem valorações mediante o mundo que os rodeia, repleto de signos (ideológicos), não cabendo o alibi na existência.

Por isso, ao elencarmos as páginas de Facebook sobre as quais analisaremos as publicações em relação aos usos dos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, escolhemos 4 (quatro) com valorações negativas e 4 (quatro) com valorações positivas a cada termo, por entendermos que um mesmo signo ideológico assume uma ou outra valoração a depender de quem o utiliza – o embate de vozes sociais. Os embates entre termos ocorrem porque a própria língua os possibilita, por ser viva, propiciando um ambiente para o entrecruzamento de vozes sociais. A palavra, enquanto uso concreto e real, corresponde ao signo ideológico na medida em que é concebida em um tempo-espço específico de valoração. Volóchinov (2017 [1929]) ressalta ser a linguagem o local em que a o caráter sígnico e o fato de a comunicação ser absolutamente determinante são expressos com maior clareza e plenitude na palavra, de modo que “*a palavra é o fenômeno ideológico par excellence*”. (p. 98 – grifos do autor). Ela é o mais apurado e sensível mediador da comunicação, segundo o autor, por isso é o mais representativo dos signos, além de ser um signo neutro e, por isso, poder assumir qualquer função ideológica, por não estar relacionada a nenhuma função ideológica específica – lexicamente falando, “bolsominions” e “petralhas” são signos possíveis de serem preenchidos com qualquer valoração, de acordo com quem os utiliza, sendo positiva ou negativa, portanto.

O sujeito, para se constituir como “eu” precisa de um “outro”, que é exterior e o correlaciona e o condiciona de maneira mútua, em alteridade. Isso pode ser compreendido nos enunciados artísticos, como nos propomos a recuperar em um moimento retrospectivo de cotejo, por meio da interação existente entre minions e Gru, por exemplo, se pensamos na

relação do patrão e dos trabalhadores (como esses sujeitos se configuram no enunciado em questão de alienação e servidão), bem como nos irmãos Metralha e tio Patinhas, se pensamos na relação de bandidos e de vítima (e na questão do roubo). Dessa forma, essas reflexões são importantes porque elas revelam não só as constituições dos sujeitos, como também revelam a forma com a qual esses sujeitos são consumidos ao serem associados às imagens políticas citadas anteriormente. A interação entre sujeitos da arte, portanto, é uma outra forma de expressão de sujeitos que estão na vida, e analisar essas relações, dentro e entre as esferas, é uma forma de compreensão dos discursos contemporâneos. A ideia de interação, que pressupõe o diálogo, pode ser sintetizada da seguinte forma:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2011, p. 410 – grifos do autor)

A ideia de diálogo é primordial para o entendimento das concepções bakhtinianas, uma vez que um conceito está intimamente ligado a outro e assim sucessivamente, sendo impossível tratar de um só aspecto quando falamos das concepções do Círculo de Bakhtin, sendo necessária uma compreensão dos conceitos como um todo. Pensamos, então, no enunciado como uma expressão de linguagem, que está no mundo voltado para algo maior que o envolve – o diálogo – e o situa como um elo na comunicação discursiva, se abstrairmos esse caráter, perdemos a noção da linguagem orientada para o social. Bakhtin (2014) diz que

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. Não há enunciados neutros, nem pode haver (BAKHTIN, 2014, p 46)

Por isso, interessa-nos pensar a linguagem ligada ao social pela forma como ela revela as valorações presentes nos enunciados. Isto é, se não há nem pode haver enunciados neutros, a ideologia está presente em toda e qualquer manifestação enunciativa, podendo ser expressa pela cor, pelo léxico, pelo som, pelo movimento e assim sucessivamente, porque é o signo que carrega o conteúdo ideológico, do qual nós, enquanto sujeitos ativos no mundo, nos

apercebemos e a partir dele construímos significações e estabelecemos relações de sentido. A linguagem, enquanto organismo vivo, não considera a neutralidade tampouco a objetividade, não há uma leitura “correta” ou “errada” de algum fenômeno da linguagem, mas há possibilidades de compreensão a partir do material e do conteúdo que o enunciado nos apresenta. Não podemos, portanto, ignorar as vozes que atuam como um elo entre as valorações e o momento socio-histórico tampouco tirá-lo de sua perspectiva dialógica que os mantêm vivos.

Temos, com base nessas reflexões feitas a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, demonstrado como esse projeto de pesquisa se propõe a pensar questões de linguagem e sociedade a partir do uso dos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, ao conceber e recuperar contextos de produção e circulação social, em um movimento dialógico por cotejo, em que arte e vida são compreendidas como mutuamente constitutivas, como Medviédev (2012 [1928]) afirma: “[...] cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas [...]”, de modo que “[...] uma obra entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva, como executada, ouvida, lida em determinado tempo, lugar e circunstância” (p. 195).

A relação entre as esferas da arte, da mídia e da política, passa a ser, portanto, uma forma (dentre tantas outras possíveis) para compreender a constituição dos signos ideológicos e a estratégia política que surge mediante o movimento de linguagem que revela o embate de vozes – de um lado, há a crítica e a valoração negativa, do outro, a identificação e a valoração positiva – em momentos históricos políticos brasileiros diferentes, sendo essas esferas diretamente ligadas ao uso da linguagem (BAKHTIN, 2011) e a determinados enunciados, que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas – resultando nos “bolsominions” e “petralhas”.

Objetivos

Os objetivos do projeto de pesquisa são divididos em geral e específico:

Objetivo geral:

. Analisar a constituição dos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, que circulam nas redes sociais, como um reflexo e refração do momento histórico político brasileiro, ao considerar a construção arquitetônica do enunciado e a relação entre as esferas artística, midiática e política por meio dos estudos do Círculo de Bakhtin.

Objetivos específicos:

- . Analisar a construção enunciativa do corpus elencado em sua constituição verbivocovisual
- . Refletir acerca da questão arte e vida pela perspectiva da filosofia da linguagem bakhtiniana por meio de enunciados surgidos na relação entre diferentes esferas por meio das vozes sociais presentes nos sujeitos minions (na franquia de filmes *Meu Malvado Favorito* (2010, 2013, 2015 e 2017)) e irmãos Metralha (no gibi *O país dos Metralhas* (2013)) a fim de compreender, em um movimento retrospectivo, as valorações que se fazem presentes nos termos;
- . Estudar o contexto político brasileiro que compreende os termos “bolsominions” e “petralhas” a partir de um tipo específico de interação entre sujeitos mediante as noções de inteligência coletiva (LÉVY, 2000 [1997]) e cultura da convergência (JENKINS, 2009).

Plano de trabalho e cronograma de execução

O plano de trabalho desta pesquisa será desenvolvido em 50 meses (fevereiro de 2020 a março de 2024), conforme o esquema a seguir:

- . Fevereiro – Dezembro de 2020: cumprimento de créditos em disciplinas e atividades complementares, embasamento teórico, delimitação e contextualização do *corpus*;
- . Janeiro – Dezembro de 2021: cumprimento de créditos em disciplinas e atividades complementares, embasamento teórico e análise do *corpus*, elaboração de projeto BEPE;
- . Janeiro – Dezembro de 2022: análise do *corpus*, reescrita da tese e exame de qualificação, realização de estágio de pesquisa no exterior (BEPE) em Center University of New York com Prof. Peter Hitchcock e elaboração e entrega de relatório BEPE;
- . Janeiro – Dezembro de 2023: finalização da análise, escrita da tese e exame de defesa.
- . Janeiro – Março de 2024: revisão final da escrita e entrega da versão definitiva da tese.

Além disso, comprometemo-nos a participar de 4 (quatro) eventos expressivos da área, com apresentação de trabalho, no decorrer da realização da pesquisa e a apresentar os resultados em forma de artigos em periódicos indexados da área ou capítulos de livros. Ainda, comprometemo-nos a participar das reuniões semanais no grupo de pesquisa, o GED – Grupo de Estudos Discursivos, bem como das reuniões de orientação.

Abaixo, disponibilizamos uma tabela em que é possível observar as atividades a serem realizadas, para uma melhor visualização e compreensão do plano de trabalho que, embora separado por etapas, não será realizado de maneira estanque:

Etapas e atividades	Fev- Dez/2020	Jan- Dez/2021	Jan- Dez/2022	Jan- Dez/2023	Jan- Mar/2024
----------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Créditos em disciplinas	X	X			
Créditos em eventos	X	X	X	X	
Contextualização	X	X			
Embasamento teórico	X	X	X	X	X
Análise do <i>corpus</i>	X	X	X	X	
Exame de qualificação			X		
Estágio de pesquisa no exterior (BEPE)		X	X		
Defesa da tese				X	
Revisão final da escrita					X
Publicações	X	X	X	X	
Reuniões com o GED	X	X	X	X	X
Reuniões de orientação	X	X	X	X	X

Material e Métodos

A proposta desse projeto de pesquisa qualitativa de caráter analítico-interpretativo é de um estudo teórico acerca da circulação social de enunciados que relacionam as esferas da arte, da mídia e da política, baseado no método dialógico realizado por cotejo e na webnografia⁸. Temos em vista que ser pesquisadora, nas Ciências Humanas, é trabalhar com o outro – sujeitos que produzem enunciados, de modo que o método não consiste em uma objetividade tampouco em uma neutralidade, mas é uma posição socio-avaliativa que reflete as vivências das pesquisadoras em busca dos sentidos do enunciado, que não estão prontos nem acabados, mas se configuram como um amontoado de vozes, históricas, sociais e culturais.

Com base no método dialógico, tal qual prevê a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, em que é impossível dissociar o *corpus* da vida (contexto de produção e circulação) bem como da teoria, uma vez que, segundo aponta Bakhtin (2011), “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*” (p. 395 – grifos do autor), o próprio *corpus* demanda determinados caminhos a serem seguidos. Por isso, as reflexões teóricas e analíticas caminham juntas, em um movimento dialógico, pensando no enunciado como um elo na comunicação discursiva, em movimentos retrospectivos e prospectivos que nos auxiliam na compreensão de um determinado enunciado ao colocá-lo em contato com outro(s) – e, com isso, outras valorações. A filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin compreende a linguagem como ideológica e o método dialógico implica em levar a linguagem como a semiose da vida.

⁸ Na literatura da área, o termo “webnografia” se refere a métodos e procedimentos de realização da pesquisa na internet. Entende-se a webnografia como um “[...] método não restrito à etnógrafos e antropólogos, mas sim a todos pesquisadores interessados nos complexos aspectos sociais, culturais e psicológicos, relacionados com e através da Internet” (RYAN, 2008 *apud* FRAGOSO *et al.*, 2011).

Portanto, propomos uma reflexão teórica, calcada nas obras do Círculo de Bakhtin, tais como *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), *Estética da criação verbal* (2011 [1974]), *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (2013), *Questões de literatura e de estética* (2014 [1975]), de autoria de Bakhtin, *A construção da enunciação e outros ensaios* (2013) e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017 [1929]), sob a autoria de Volóchinov, e *O método formal nos estudos literários* (2012), sob a autoria de Medviédev. Pesquisadores da área, tanto nacionais quanto internacionais, como Paula, Faraco, Sobral, Miotello, Grillo, Machado, Geraldi, Hitchcock, Stam, Haynes, Brandist, Ponzio, dentre outros, farão parte de nossa reflexão teórica. Embora não bakhtinianos, autores como Lévy, Jenkins e Canclini também farão parte da reflexão teórica e analítica pelas contribuições sobre mídia, cultura da convergência, ciberespaço e cibercultura.

De maneira concomitante, faremos levantamento histórico de contextualização acerca da produção dos enunciados elencados como *corpus*. Voltamos o nosso olhar, também, para os elementos verbivocovisuais da linguagem constitutivos do *corpus*, de maneira analítica. Partiremos dos elementos estruturais para chegar à análise translinguística, como propõe o Círculo de Bakhtin. Em relação à interpretação do *corpus*, nos voltamos à construção arquitetônica dos enunciados ao que tange aos seus elementos constitutivos de sentido, de modo a tratarmos das relações entre as vozes sociais que compõem os signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, além de outras vozes que interagem com o enunciado, no plano social, analisando-o como um fenômeno social, histórico, cultural e ideológico de situações políticas vivenciadas no Brasil.

Nosso *corpus*, proveniente de uma rede social, o Facebook, nos leva à uma metodologia específica relacionada à pesquisa feita na internet e no meio digital. Fragoso *et al* dizem que “[...] as experiências sociais são sempre vinculadas a um momento histórico particular e complexo” (2011, p. 12), de modo que as interações sociais, por estarem em um ambiente online, ganham uma camada de virtualidade, segundo as autoras. Dessa forma, alguns caminhos metodológicos são necessários para a pesquisa no virtual, o que configura uma webnografia. Em relação à delimitação do *corpus*, as autoras demonstram que há várias estratégias e critérios para seleção, divididos em tipo, subtipos e procedimentos, que variam de acordo com o objetivo da pesquisa. Desse modo, visando nossos objetivos acima explicitados, que tangem à construção de sentidos dos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, o tipo de estratégia “intencional”, por meio dos subtipos “em bola de neve” caracterizado como a identificação de outros elementos a partir de um primeiro elemento de interesse e “por critério”, caracterizado como elementos selecionados que apresentam uma determinada característica ou

critério pré-definido (FRAGOSO *et al*, 2011, p. 80) são utilizados como procedimentos metodológicos para delimitação do *corpus*.

A seleção das páginas, no Facebook, é feita mediante a busca simples pelos termos “bolsominions” e “petralhas”, no mecanismo próprio da rede social. Dos resultados obtidos, observamos que os termos que, inicialmente, surgiram para designar um perfil de eleitorado político específico também ganharam ressignificações ao serem esvaziados de sentido (original) e apropriados pelo grupo que, anteriormente, assim era denominado. Desse modo, “bolsominions” e “petralhas” passam a ser, em um movimento dialógico em que o signo se mantém vivo, termos de autodenominação de um outro grupo – o que configura o subtipo de amostra em bola de neve. Utilizamos os critérios temático, quantitativo e temporal tanto para a delimitação das páginas quanto para as publicações a serem analisadas.

O critério temático nos leva às páginas que se voltam para a temática de “bolsominions” e “petralhas” na política brasileira, o quantitativo, para maior número de curtidas na página para cada termo, e o temporal, para os momentos em que esses signos ideológicos foram utilizados de acordo com o momento político – aqui, temos 2 (dois) recortes temporais diferentes, um em relação à construção do *impeachment* de Dilma e outro em relação à eleição de Bolsonaro, pois os signos foram utilizados de maneira mais específica nesses dois momentos diferente, não concomitantemente em um mesmo momento histórico político.

Chegamos às 16 (dezesesseis) páginas selecionadas para observar cada uso feito dos termos em relação à valoração presente. São 8 (oito) páginas para o termo “bolsominions”, sendo 4 (quatro) valoradas negativamente: “Bolsominions”, “Bolsominions Arrependidos”, “Todo Dia Tem um Bolsominion Passando Vergonha” e “Meu Bolsominion Secreto”, e 4 (quatro) valoradas positivamente: “Bolsominions Sinceros”, “Somos Bolsominion”, “Bolsominions” e “Bolsominions Patriotas”. Para o termo “petralhas” também são 4 (quatro) páginas valoradas negativamente: “Os Caça-Petralhas”, “Fora PeTralhas”, “Petralhas Corruptos” e “Fora Petralhas”, e 4 (quatro) valoradas positivamente: “Petralha Zuero”, “PETralhas”, “Sou petralha desde que a Luciana Genro não foi pro segundo turno” e “Petralha Bolado”.

As autoras, ao falarem sobre o estudo de rede sociais, ainda apontam que alguns dados da rede social podem ser relevantes para a análise, tais como a estrutura, a composição e a dinâmica desse ambiente. Ao pensarmos sobre os dados de composição, chegamos ao estudo qualitativo, que verifica, dentre outros aspectos, a qualidade dos laços sociais e os valores que são construídos nesses espaços digitais (FRAGOSO *et al*, 2011, p. 122-3). A perspectiva metodológica, calcada na webnografia, alinha-se, portanto, com o nosso objetivo de pesquisa,

que visa buscar não só as interações dos sujeitos em relação aos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, mas também os sentidos criados e motivados por esses termos e como eles se relacionam com momentos históricos, políticos e sociais do Brasil.

Forma de Análise dos Resultados

Os resultados da pesquisa serão analisados de modo qualitativo e divulgados por meio de apresentações em eventos expressivos da área, bem como em forma de publicações de capítulos de livros e artigos em periódicos indexados.

Referências Bibliográficas⁹

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas** – São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance III: o romance como gênero literário / tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov.** – São Paulo: Editora 34, 2019.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. – 5.ed. – Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2018.

_____. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo / tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov.** – São Paulo: Editora 34, 2018.

_____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. – São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. – São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Teoria do romance I: a estilística / glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov.** – São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** Tradução de Aurora Fornoni Bernardini... [et al]. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais; tradução de Yara Frateschi Vieira** – São Paulo: Hucitec, 2013 [1965].

_____. **Questões de estilística no ensino da língua.** Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

⁹ As referências bibliográficas contidas neste projeto se referem tanto à bibliografia aqui utilizadas quanto a que se pretende estudar e utilizar, de maneira mais aprofundada, no desenvolvimento da pesquisa, com a possibilidade de ser incrementada de acordo com as necessidades.

_____. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-24].

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **O freudismo**: um esboço crítico. [tradução Pau Bezerra]. – São Paulo: Perspectiva, 2017.

BARBOSA JÚNIOR, A. L. **Arte da animação**: técnica e estética através da história. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

CAMPANELLA, B.; BARROS, C. (orgs.) **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. 1. Ed. – Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. – 4. ed. 3. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização – Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

COFFIN, P.; BALDA, K. **Meu Malvado Favorito 3**. Universal Studios: EUA, 2017, 89 min.

_____. **Minions**. Universal Studios: EUA, 2015, 91 min.

COFFIN, P.; RENAUD, C. **Meu Malvado Favorito 2**. Universal Studios: EUA, 2013, 98 min.

_____. **Meu Malvado Favorito**. Universal Studios: EUA, 2010, 95 min.

DISNEY. **O país dos Metralhas**. Pesquisa e seleção de histórias: Paulo Maffia. São Paulo: Editora Abril, 2013.

FARACO, C. A. “Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares”. *In: Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. (orgs.) **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura)

GRILLO, S. V. C. “Esfera e campo”. *In: Brait, B. (org.) Bakhtin*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

GRUPO DE ESTUDOS DO GÊNERO DO DISCURSO – GEGE. **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

HITCHCOCK, P. **Labor in Culture, or, Worker of the World(s)**. New York: Palgrave Macmillan, 2017.

_____. **Imaginary States**: studies in cultural transnationalism; Champaign/Urbana: University of Illinois Press, 2003.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. – 2 ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2007. (1994 edição original).

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2000. (1997 edição original)

MACHADO, I. “A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia”. *In*: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (orgs.) **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 203-234.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**; tradução , apresentação e notas Jesus Ranieri – [4. reimpr.]. – São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **A ideologia alemã**; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica; tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MIOTELLO, V. “Ideologia” *In*: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin**: conceitos-chave – São Paulo: Contexto, 2005, p. 167-176.

PAULA, L. de. “O enunciado verbivocovisual de animação: a valoração do ‘amor verdadeiro’ Disney – uma análise de *Frozen*” *In*: FERNANDES JÚNIOR, A.; STAFUZZA, G. B. (orgs.) **Discursividades contemporâneas**: política, corpo, diálogo. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018, p. 287-314.

_____. “Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso”. *In*: **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. “O marxismo no/do Círculo de Bakhtin”. *In*: **Slovo** – O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos. Curitiba: Appris, 2011, p. 79-98.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. “A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical”. *In*: **Raído**, Dourados, MS, v. 11, n. 25, p. 178-201, jan./jun. 2017.

PAULA, de L.; SILVA, T. N. “*Nerve à flor da linguagem: arte e vida em jogo dialógico*. In: **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 8, n. 2, p. 38-57, maio/ago. 2019.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (orgs.) **Círculo de Bakhtin: concepções em construção**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

_____. **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

_____. **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

_____. **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

SILVA, T.; STABILE, M. (orgs.) **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016.

SOBRAL, A. “Ato/atividade e evento”. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. “Ético e estético”. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

STAM, R. **Bakhtin: da teoria literária a cultura de massa; tradução: Heloisa Jahn**. – São Paulo: Ática, 1992.

TIHANOV, G. **The Master and the Slave: Lukács, Bakhtin, and the ideas of their time**. Oxford: University Press, 2000.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem; tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo** – São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.